

**O DISCURSO DO PRECONCEITO CONTRA O NEGRO:
ANÁLISE DE TIRAS E PROPOSTA DIDÁTICA
PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Leandro Sant'Anna da Silva Guimarães (UFRJ/FABERJ)
afungancho@yahoo.com.br

Roberta dos Santos de Oliveira (UFRJ/UNIRIO)
betasantoliv@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo consiste na análise do preconceito apresentado por duas tiras retiradas de sites de humor, as quais têm o negro como tema. Tal análise é fundamentada na análise do discurso francesa, a partir dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux (1995) e Eni Puccinelli Orlandi (2001), em especial, no que se referem aos conceitos de discurso, ideologia e estereótipos. Além disso, a partir do *corpus* deste trabalho, é apresentada uma proposta de atividade para turmas finais do ensino fundamental, em conformidade com as recomendações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, no tocante aos objetivos do ensino e ao tratamento dos temas transversais na sala de aula.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Preconceito racial.

1. Introdução

Sabemos, através da história deste país, que o negro foi e ainda é, muitas vezes, uma espécie de *persona non grata* na nossa sociedade. Principalmente após a abolição da escravatura, quando lhe foram concedidos, teoricamente, os mesmos direitos civis, políticos e sociais do branco colonizador. Todavia, sabemos que esses direitos nunca foram plenamente desfrutados, e desde então o preconceito tem se perpetuado, muitas vezes, camuflado por uma “falsa democracia”. Ainda que no decorrer dos anos tenham sido criadas leis que criminalizam o preconceito racial e de sistemas de cotas em universidades e concursos públicos, a fim de coibir atos racistas e minimizar/compensar as perdas históricas do negro na sociedade brasileira, respectivamente, manifestações de racismo contra o negro continuam muito vivas neste país.

Este trabalho consiste na análise de duas tiras retiradas de sites de humor e que têm como tema o racismo contra o negro. Tal análise é fundamentada na análise do discurso francesa, a partir dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux (1995) e Eni Puccinelli Orlandi (2001), apontando os seguintes conceitos da análise do discurso: discurso, ideologia,

formação discursiva, formação ideológica, sujeito e estereótipos. Além disso, a partir dos textos, *corpus* deste trabalho, é apresentada uma proposta de atividade para turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental, em conformidade com a proposição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, no tocante aos objetivos do ensino e ao tratamento dos temas transversais na sala de aula.

2. *Fundamentação teórica*

É do conhecimento de todos que o homem é um ser social, ou seja, vive em sociedade, participa de grupos, como família, escola, equipe de trabalho, instituição religiosa etc. Ainda que interaja com poucos grupos sociais, ninguém vive sozinho, isolado das outras pessoas – salvo os casos de indivíduos que se isolam no meio das florestas ou no alto das montanhas, por exemplo. E no convívio diário com o seu semelhante, o homem precisa interagir, estabelecer comunicação, a qual se dá, na maioria das vezes, através da linguagem verbal, seja na modalidade oral ou na modalidade escrita. Desse modo, o homem está todo o tempo produzindo enunciados, textos e discursos.

Analisar a estrutura de um texto e, a partir disso, compreender as construções ideológicas presentes nele é o principal objetivo da análise do discurso. Em outros termos, a análise do discurso se ocupa em analisar o processo de produção de um texto, em que condições ele fora produzido, os elementos constitutivos do discurso. Segundo Eni Puccinelli Orlandi (2001, p. 15):

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Dessa forma, pode-se pensar em “discurso” com maior amplitude, pois, enquanto a noção de texto pode ser restrita a conjunto de enunciados que apresentam unidade de sentido, por exemplo, a noção de discurso vai além da de texto, inclui também o seu produtor, o homem, de que lugar fala, por que fala, com que finalidade, quais vozes são reproduzidas nessa fala, quais pensamentos etc. Por isso, o conceito de discurso está estreitamente ligado ao de ideologia. Para Helena Hathsue Nagamine Brandão (2012, p. 11), o discurso é o ponto de articulação dos processos

ideológicos e dos fenômenos linguísticos. Em outras palavras, o discurso é o material específico da ideologia, é através dele que as ideias se propagam na sociedade, sejam elas verdadeiras ou não, da mesma forma que ele só se materializa porque existe uma língua, um conjunto de palavras, um sistema de signos, dos quais ele se vale e se constitui. Nessa direção, Eni Puccinelli Orlandi (2001, p.38) afirma que “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”. A autora ainda diz que:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a análise do discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2001, p. 17)

Em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, Michel Pêcheux (1995) afirma que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não existe “em si mesmo”, isto é, colado ao significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Para Michel Pêcheux a ideologia é a matriz do sentido:

as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

Os conceitos de *formação ideológica* e *formação discursiva* são imbricados, uma vez que a formação ideológica tem como um de seus componentes as formações discursivas, ou seja, os discursos são governados por formações ideológicas. Segundo Michel Pêcheux (1995, p. 160),

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).

A formação discursiva tem dois tipos de funcionamento: trata-se de um sistema de paráfrases, ou seja, de constante retomada e reformulação dos enunciados, como forma de preservar sua identidade, e está rela-

cionada às construções anteriores e exteriores, que se diferenciam do que é construído pelo enunciado, o que se chama de *pré-construído*. Eni Puccinelli Orlandi (2001, p. 32) assevera que, “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

Quando se trata dos principais conceitos da análise do discurso, não se pode ignorar a noção de *sujeito*, o qual não é totalmente livre, uma vez que não é o criador do seu discurso e, sim, reproduzidor do discurso do outro, de um discurso já construído e selado historicamente. É, pois, o sujeito do discurso resultado da sua relação com a linguagem e a história. Para Eni Puccinelli Orlandi (2001, p. 50):

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento.

Dessa forma, afetado pela ideologia e, também, a partir do lugar onde fala, bem como do papel que representa – o que a análise do discurso denomina *condições de produção* –, o sujeito produz o seu discurso, o qual é a representação de si mesmo, mas, principalmente, a representação do outro, a representação de uma determinada classe, a reformulação de discursos proferidos anteriormente em uma determinada sociedade.

Além dos conceitos acima percorridos, para este trabalho, é de suma importância tratar da definição de *estereótipos*, os quais podem ser entendidos como imagens pré-concebidas de determinadas pessoas e são usados, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupos na sociedade. Assim, a partir de um conceito de um grupo social, atribui-se uma característica, na maioria das vezes depreciativa, a todas as pessoas desse grupo. Os estereótipos podem ser associados, ainda, à noção de *pré-construído*, termo que Henry propôs para “designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. (PÊCHEUX, 1995, p. 99)

Para Michel Pêcheux, o interdiscurso enquanto *pré-construído* “fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (1995, p. 167). O autor (1995, p. 164) ainda diz: “diremos, então, que o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que

fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’).’

Em suma, ao se comunicar, o homem profere discursos, os quais não são originais, mas a reformulação de discursos ditos anteriormente numa determinada sociedade. A construção desses discursos é condicionada pelo lugar de onde o indivíduo fala e o papel que ele ocupa na sociedade. Além disso, tais discursos vão refletir o ponto de vista de uma classe social, possivelmente da classe dominante e, por vezes, tal ponto de vista poderá veicular uma imagem que consiste na redução (negativa) – estereótipos – de outra classe (não dominante). É válido considerar que ao propagar um estereótipo arraigado no seio da sociedade através do seu discurso, o indivíduo pode fazê-lo, por vezes, inconscientemente (ou automaticamente), uma vez que pode produzir o seu discurso sem maior reflexão, discurso que, na verdade, não tem nada seu, mas do outro.

3. *Análise dos textos*

Nesta seção analisamos, à luz da análise do discurso francesa, a partir dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi, duas tiras que trazem o racismo contra o negro como tema. A primeira foi retirada do site *Quadrinhos Ácidos*, uma série de tirinhas produzidas pelo ilustrador, publicitário e cartunista Pedro Leite, e que retratam a cada semana diversos temas do cotidiano, com humor ácido e abrasivo, segundo informações do próprio site. Já a segunda tira foi retirada de um *blog*, intitulado *Blogge do Cara*, o qual é administrado por um blogueiro que se intitula “Ocara” e veicula postagens românticas e humorísticas.

O texto 1 retrata oito situações em que um interlocutor se dirige a outro interlocutor, este negro, e profere um discurso que não é seu, mas sim das vozes de uma sociedade preconceituosa, o qual foi proferido, possivelmente, inúmeras vezes e em variados contextos e carrega uma série de estereótipos do negro:

Texto 1:



Fonte: www.quadrinhosacidos.com.br

Em cada situação comunicativa, está em jogo uma ideia pré-concebida no seio da nossa sociedade a respeito do negro. Essas ideias não são expressas diretamente, mas através dos implícitos facilmente identificáveis, considerando-se as condições de produção dos discursos, ou seja, na maioria das situações, um branco dirige seu discurso a um negro e o fato de o locutário desse discurso ser negro faz com que a sentença proferida tenha sentido, se associada às questões histórico-sociais da sociedade brasileira. Tais ideias são:

1. “Para uma negra, você até que é bonita!” = Negro é feio.
2. “Você tem sorte de ser negro! Nem precisa estudar para o vestibular!” = O negro não tem capacidade para ser aprovado no exame ves-

tibular, mas é aprovado pelo sistema de cotas raciais, o que é injusto com aqueles que estudam;

3. “Você lava cabelo?” = O cabelo do negro é tão estranho que chega a ser impermeável pela água;
4. “Eu não sabia que gente como você tinha sensibilidade para arte!” = O negro é um ser inferior, que não pode apreciar ou entender de arte, ter gosto refinado etc.;
5. “Como assim você não sabe sambar?” = Toda negra/mulata sabe sambar;
6. “Você conseguiu ser advogado com esse cabelo?” = O cabelo do negro “não combina” com certas profissões, como advogado, por exemplo;
7. “Médica? Você tem mais cara de enfermeira?” = A medicina é uma profissão de certo prestígio na nossa sociedade e, por isso, está além da capacidade de um negro, ao contrário da enfermagem, que é exercida por aqueles que não tiveram condições financeiras e intelectuais de exercerem a primeira;
8. “Desculpe! É que eu te achei suspeito!” = Negro é bandido/ladrão ou todo bandido (no sentido de marginal, ou seja, aquele que vive à margem da sociedade e não é bandido do “colarinho branco”) costuma ser negro.

Todos os estereótipos veiculados na tira representam um conjunto de ideias, a que podemos chamar de formação ideológica, que na verdade é a visão que a classe branca construiu a respeito do negro na nossa sociedade. Tais ideias são tão arraigadas no seio da sociedade brasileira que o próprio negro as tem como verdades, às vezes, como no último quadrinho (situação 8), em que um policial, aparentemente negro, suspeita de outro negro.

Os estereótipos a respeito do negro apresentados na tira podem, a princípio, ser agrupados em três categorias: a da aparência, a da condição social e intelectual do negro e, por fim, a do caráter do negro, no que se refere à sua conduta moral. Das situações descritas na tira, a 5 é a única que não se enquadra nessas três categorias, pois quando se associa o samba/ato de sambar ao negro, há mais uma depreciação do gênero musical e sua respectiva dança do que do próprio negro. Tal depreciação se deve ao fato de ter o samba suas origens nos antigos batuques trazidos

pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil, ou seja, estar associado ao negro e aos morros cariocas. (TROTTA, 2007)

A primeira categoria está relacionada à estética, aos padrões de beleza impostos pela sociedade, os quais, durante muitos anos, excluiu o negro e, na atualidade, mesmo com a inserção da cultura e de modelos afros no mercado da moda, a figura do negro se contrapõe ainda ao protótipo de beleza, às vezes. Por isso, admira-se que o negro seja “bonito” (situação 1), bem como causa estranheza o seu cabelo (situações 3 e 6).

A segunda categoria de estereótipos consiste em ser o indivíduo simplesmente negro, o que determinaria a sua condição social e intelectual. Isso se justifica pelo fato de ter sido o negro escravo do branco colonizador durante parte da história deste país, ou seja, por estar numa posição inferior em relação ao segundo. De acordo com José Barbosa da Silva Filho (2006, p. 114-115):

Enquanto a escravidão era parte integrante do sistema econômico-social-cultural e ideológico brasileiro, o fato de ser/estar escravo, por si só, já implicava a inferioridade da raça negra e do cativo como indivíduo e como ser humano. [...] A 13 de maio de 1888, ele deixa de ser oficialmente escravo e a 15 de novembro de 1889 assume a condição de cidadão como os demais membros da sociedade. E aí? Como encarar o fato de que aquele ontem inferior, hoje seja um igual, um competidor? Formula-se então uma maneira de manter a desigualdade. Se a violência física explícita não pode mais ser adotada, utiliza-se a linguagem, a mentalidade, o imaginário, a ideologia para criar palavras, imagens, formas e teorias que desprestigiem esses que se querem iguais, perpetuando e reforçando o discurso anterior.

Desse modo, quando se tem dificuldade em ver o negro como médico (situação 7), em reconhecer a sua capacidade para apreciar arte (situação 4) e em aceitar o sistema de cotas como uma forma de compensação das perdas históricas e sociais que o negro teve durante muitos anos na sociedade brasileira (situação 2), tenta-se, na realidade, manter o negro numa posição inferior, em consonância com a ideologia da então classe branca colonizadora, a qual tem a dificuldade de enxergar o negro como seu semelhante, com as mesmas capacidades intelectuais.

A terceira categoria dos estereótipos está relacionada ao caráter do negro, à sua conduta moral na sociedade, em outras palavras, à sua associação com a figura do criminoso (situação 8), quer assaltante, quer ladrão, quer traficante etc. Tal estereótipo também está presente no texto 2.

Texto 2:



Fonte: bloggedocara.blogspot.com.br

No texto 2, a forma verbal “levou” é ambígua e direciona o segundo interlocutor da tirinha, assim como a maioria dos leitores, a interpretá-la como “obter para si”, “transportar algo do lugar de origem para o destino de quem transporta” e não como “transportar do lugar do transportador para acrescentar em outro lugar”. Essa interpretação se dá por conta da ideia cristalizada na sociedade de que sempre que houver a possibilidade de subtrair algo, ou seja, de “roubar”, o negro irá fazê-lo – embora haja outra possibilidade de interpretação. Em outras palavras, por mais que discordemos dessa afirmação, a ideia já está construída na nossa sociedade, já faz parte da nossa formação discursiva.

Dessa forma, tanto as situações apresentadas no texto 1 quanto a do texto 2 não apresentam discursos novos, mas são a reformulação e/ou repetição dos discursos proferidos há séculos na sociedade brasileira, os quais seguem a formação ideológica da classe branca colonizadora, a qual não superou a ascensão do negro na nossa sociedade. Os sujeitos desses discursos, dadas as condições de produção, são interpelados pela ideologia da classe dominante (antes como colonizadora, atualmente como principal interessada na manutenção do preconceito), submetendo-se a ela e veiculando, ainda que não intencionalmente, os estereótipos do negro.

4. *Proposta de atividade*

A educação exerce um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária, por isso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa* apresentam como um dos objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (BRASIL, 1998, p. 07)

No que diz respeito ao preconceito racial, para alcançar esse objetivo, a escola deverá adotar uma prática de combate às posturas etnocêntricas a fim de desconstruir estereótipos e preconceitos atribuídos ao negro. O ambiente escolar deve cultivar a visão de que as diferenças entre grupos étnicos não estão relacionadas à superioridade ou inferioridade. O texto dos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais – Pluralidade Cultural* lembra que propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação são norteadas e exigidas pela ética e propõe o desenvolvimento, entre outras, das seguintes capacidades dos alunos:

desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação;

repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais;

exigir respeito para si e para o outro, denunciando qualquer atitude de discriminação que sofra, ou qualquer violação dos direitos de criança e cidadão;

valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural;

analisar com discernimento as atitudes e situações fomentadoras de todo tipo de discriminação e injustiça social. (BRASIL, 1998, p. 143)

A abordagem do tema da discriminação racial também está prescrita na Lei 10.639/03, que altera a Lei no 9.394/96, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira":

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

Tendo em vista o papel da educação e do compromisso de seus agentes com a construção de uma sociedade democrática, justa e solidária e levando em consideração o que está decretado na legislação e nos documentos oficiais que norteiam os conteúdos a serem abordados no ensino fundamental, buscamos com a proposta de intervenção pedagógica que apresentamos a seguir, contribuir para que se alcance o duplo propósito almejado pelo ensino de língua portuguesa e pela educação como um todo, o de formar proficientes leitores e produtores de textos e cidadãos críticos e conscientes, aptos ao exercício de seus direitos e deveres na nossa sociedade.

Acreditamos que reconhecendo sua existência e sabendo identificar os estereótipos e a ideologia oculta nos discursos racistas, nossos alunos possam colaborar para a transformação dessa realidade, opondo-se a essas práticas e combatendo-as de forma veemente.

Dessa forma, com base nos textos, objeto de análise deste trabalho, apresentamos as seguintes questões, as quais deverão ser trabalhadas com turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental.

1. Produzida pelo quadrinista Pedro Leite, *Quadrinhos Ácidos* é uma série de tirinhas na qual, a cada semana, diversos temas do cotidiano são abordados com um humor ácido, provocativo. Esta que você vai ler agora também apresenta algumas situações muito comuns no dia a dia:



Fonte: www.quadrinhosacidos.com.br

- a) Observe a expressão dos personagens negros. O que suas expressões revelam em relação às falas dos personagens brancos? Explique.
 - b) Mesmo que talvez não tenham sido usadas com a intenção de ofender ou magoar, as falas dos personagens ocultam um preconceito racial. Que ideias pré-concebidas a respeito dos negros estão por trás dessas falas?
 - c) O discurso preconceituoso consiste em atribuir características negativas a uma pessoa ou a um grupo social. Na sua opinião, com que finalidade a pessoa preconceituosa produz esse discurso?
2. Observe a última situação da tirinha.

- a) Qual é a principal diferença em relação às sete primeiras situações?
B) Na sua opinião, por que o policial, também negro, desconfiou do outro homem negro?
- c) Repare na expressão facial do policial. Compare-a com a dos personagens que falam nas situações anteriores. Qual é a diferença entre elas? O que a expressão do policial parece exprimir? Explique.
3. No dia a dia ouvimos muitas piadas sobre negros, portugueses, judeus, etc. Essas piadas representam os estereótipos construídos sobre esses grupos na sociedade brasileira. Apesar de parecerem brincadeiras, não podemos dizer que são neutras, pois elas denunciam alguma forma de preconceito. A tirinha abaixo contém uma piada sobre o negro. Leia-a.



Fonte: bloggedocara.blogspot.com.br

- a) Qual o sentido atribuído à forma verbal “levou” pelo personagem que conta a piada?

- b) Como o interlocutor entendeu o sentido da frase *um negro veio e levou 3 (galinhas)*?
- c) Por que o amigo que ouviu a piada foi chamado de racista?
- 4. Nessa piada, o humor é construído a partir do duplo sentido da forma verbal “levou”, usada pelo personagem 1.
 - a) Se quiséssemos desfazer o “mal-entendido”, que outra forma verbal poderíamos utilizar?
 - b) Na sua opinião, se fizéssemos essa substituição, o texto continuaria sendo uma piada? Por quê?
- 5. Sabemos que, nos últimos anos, ocorreram alguns avanços em prol da defesa dos direitos do negro no Brasil, na criação de leis de combate ao racismo e na implementação do sistema de cotas para o acesso de negros (e índios) às universidades e reservas em concursos públicos. No entanto, em sua opinião, pode-se afirmar que o Brasil ainda é um país racista? Justifique a sua resposta, se possível, citando alguma situação real.

5. *Considerações finais*

É lamentável que em pleno século XXI e há mais de um século da abolição da escravidão no Brasil, o preconceito contra o negro seja ainda tão recorrente na nossa sociedade. Preconceito esse que se manifesta das mais diversas formas, inclusive por meio de críticas ao sistema de cotas raciais nos exames de vestibular e nos concursos públicos, por exemplo. Fato é que por meio de discursos agressivos ou velados, mas que perpetuam discursos preconceituosos e arraigados no seio da sociedade brasileira, são veiculados estereótipos do negro, e este continua a ser vítima da ideologia racista, neste país.

Neste trabalho, buscamos discutir o funcionamento desses discursos por meio de duas tiras retiradas de sites de humor. Além disso, apresentamos uma proposta de atividade sobre o assunto, para turmas dos anos finais do ensino fundamental, em conformidade com as recomendações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o ensino e para o tratamento dos temas transversais na sala de aula.

Acreditamos que, embora não se trate de um tema novo, o racismo deverá ser bastante discutido, ainda, em todas as esferas da nossa sociedade. Por fim, desejamos que os exemplos utilizados na ilustração

dessas discussões, um dia, façam parte de um passado já remoto, de um quadro totalmente revertido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-veto-13762-pl.html>>.

LEITE, Pedro. *Quadrinhos Ácidos*. Disponível em: <www.quadrinhosacidos.com.br>. Acesso em: 17-05-2016.

OCARA. *Blogge do cara*. Disponível em: <www.bloggedocara.blogspot.com.br>. Acesso em: 17-05-2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

SILVA FILHO, José Barbosa da. A história do negro no Brasil. *CADERNOS PENESB*, n. 7, p. 102-134, nov. 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/jdownloads/Publicacoes/penesb7_web.pdf>.

TROTTA, Felipe. Pobre samba meu. *Revista de História.com.br*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pobre-samba-meu>>. Acesso em: 30-05-2016.